

**O TEATRO DE REVISTA NO RECIFE DOS ANOS 1950: DAS INFLUÊNCIAS
ÀS REALIZAÇÕES**

Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz

Doutorando em Artes Cênicas na Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

leidson.ferraz@gmail.com

As perspectivas para o teatro de revista brasileiro àqueles tempos eram desoladoras, tanto para as revistinhas de bolso montadas em pequenos teatros quanto para as revistas feéricas em palcos monumentais, pelo menos na então capital da República, o Rio de Janeiro. Segundo o pesquisador Salvyano Cavalcanti de Paiva, ainda que na década de 1950 o gênero tivesse tido momentos memoráveis, com uma boa média de produções a cada ano – mais de duas dezenas somente na primeira metade do decênio na capital carioca –, além da ampliação do tempo de permanência das peças em cartaz, algumas chegando a mais de 300 representações, a inevitável “derrocada estava à vista”:

No geral, o predomínio da mediocridade engolfou todas as facetas: registrava-se a repetição monótona dos mesmos temas, das mesmas anedotas, das mesmas alegorias; músicas e rotinas testemunhavam o esgotamento dos autores; o desinteresse dos intérpretes; o mercantilismo imediatista da maioria dos empresários; o afastamento do público diante do produto espírito que lhe ofereciam – mas esse afastamento tornou-se manifesto somente de meados da década em diante. (PAIVA, 1991, p. 576-577)

Não foi exatamente isso o que se viu no Recife daqueles tempos. Se nos anos 1920 o teatro de revista viveu o seu período áureo na capital pernambucana, muito por conta da chegada de importantes atrações, a exemplo da Companhia Nacional de Revistas e Operetas, do Rio de Janeiro, com o ator Brandão Sobrinho entre suas estrelas; da Companhia Negra de Revistas, com Grande Otelo ainda um artista menino;

e, em maior destaque, pelas temporadas internacionais da francesa Ba-Ta-Clan e da Grande Companhia Espanhola de Revistas e Operetas Velasco, que chocaram parte do público pela ousadia dos corpos femininos à mostra, nos anos seguintes o gênero não floresceu como se esperava, algo que só aconteceu na década de 1950, mesmo que cada vez mais a gargalhada crítica estivesse atrelada aos apelos fáceis.

A primeira atração de sucesso daquele período foi a Companhia Internacional de Revistas Mágicas Richardi Júnior, ilusionista argentino que, depois de circular pelo “Norte” e garantir que fez sucesso também no Rio de Janeiro, trouxe ao Recife um total de 40 artistas em seu elenco, incluindo 20 “Richardi Girls”. Iniciou a temporada no Teatro do Derby, a partir de 17 de janeiro de 1950, com *Rapsódia Mágica*, “super-revista fantasista”, verdadeira consagração de público com até três sessões diárias, incluindo matinal às 10 horas – havia distribuição de balas e prêmios em dinheiro às crianças. Na sequência, foi a vez de mostrar a revista *No País da Fantasia*, tendo como grande atrativo “A Serra Infernal”, prometendo o mágico cortar uma “linda girl” em duas partes e deixar as vísceras à vista dos espectadores. Chamariz de público certo.

A equipe argentina transferiu-se depois para o ainda mais popular Teatro de Emergência Almare, no Parque 13 de Maio, estreando com *Rapsódia Mágica*, seguida de *No País da Fantasia* e *Magia e Ritmos*. A temporada sustentou-se até 12 de fevereiro de 1950, sempre no estilo “revista mágica feérie”, mas muitos outros perfis de espetáculos ainda viriam por toda aquela década de novo florescimento do gênero revisteiro em terra pernambucana. Tanto que muitas denominações foram dadas às propostas cênicas apresentadas: “revista musicada e carnavalesca”, “ultramaluca”, “supercômica”, “do outro mundo”, “infantil”, “brejeira e maliciosa”, “tecnicolorida de costumes locais”, “de bolso”, “big-show-revista”, “portátil”, “pot-pourri”, “100% moderna”, “de boate”, “mágica musical” e “de costumes afrobrasileiros”. Mas todas, essencialmente, traziam as características próprias do estilo:

Espetáculo ligeiro, misto de prosa e verso, música e dança que passa em revista, por meio de inúmeros quadros, fatos sempre inspirados na atualidade, utilizando jocosas caricaturas, com o objetivo de fornecer crítica e alegre diversão ao público. O terreno revisteiro é o domínio dos costumes, da moda,

dos prazeres e, principalmente, da atualidade. (GUINSBURG; FARIA; LIMA, 2006, p. 270)

Primando cada vez mais pelo duplo sentido ou chegando mesmo às raias da pornografia, para desespero de alguns críticos locais, era o ritmo vertiginoso dos esquetes, monólogos, quadros de cortina e apoteoses, escritos ao calor dos acontecimentos imediatos e sempre no perfil crítico-satírico, o que mais interessava ao público teatral recifense, marcado progressivamente por novas camadas sociais. E muito disso deveu-se à Festa da Mocidade, programação que, desde dezembro de 1936, ocupava o Parque 13 de Maio sempre ao final e início de cada ano, organizada pela Casa do Estudante de Pernambuco para atrair famílias inteiras em busca de diversão, a exemplo dos shows de jazz-bands e artistas populares, apresentações de pastoris, maracatus, caboclinhos, blocos, clubes e troças carnavalescas, parque de diversões, concursos de música e dança e campeonatos de lutas, entre muitas outras opções diárias.

Nos seus primeiros anos, com um teatro armado ao ar livre, basicamente só números de variedades eram vistos, mas exatamente em 1951, na sua XIV edição e já no espaço fechado do Teatro de Emergência Almare, o evento pôde contar com a revista *Folias Carnavalescas 1951*, “espetáculo com 10 garotas supra-espétaculares!”, todas de biquíni, num “desfile das mulheres mais encantadoras do Brasil”, como divulgavam os anúncios de jornal. O sucesso foi tanto que outra luxuosa revista ganhou produção na sequência, *Loucuras Carnavalescas*, com participação de “dez infernais garotas”, Ballet Pigale, Deo Maia, Ademilde Fonseca, Salomão Absalão, Pimentinha, Canelinha e Clautenes, entre músicos e humoristas locais ou de fora. No entanto, seriam as atrações visitantes em turnê que produziriam a verdadeira nova explosão revisteira no Recife.

A carioca Cia. de Revistas Dercy Gonçalves (cujo contrato com a Casa do Estudante de Pernambuco, ao final de 1951, custou quase 1 milhão de cruzeiros) abriu a temporada de sucessos na Festa da Mocidade, com ingressos a 25 cruzeiros, fixando ali o gênero teatral como um dos mais queridos pelo público, seguida de outros nomes famosos: Geysa Bôscoli, do Teatro Jardel, do Rio de Janeiro; Armando Nascimento, diretor artístico da Cia. Carioca de Teatro Musicado; Silva Filho, Walter D’Ávila, Colé

Santana, Gracinda Freire, Zeloni e Zilco Ribeiro, todos também líderes de companhias. Walter Pinto, sem dúvida o empresário de maior luxo e provocação à sensualidade feminina, pediu uma garantia orçada em 2 milhões e 500 mil cruzeiros para trazer sua enorme equipe, ao final de 1959, pela primeira vez à capital pernambucana. Os ingressos, já bem mais salgados ao público, variaram de 250 a 80 cruzeiros por sessão.

Das franciscanas revistas de bolso à exuberante feérie

Ainda que tenham exercido inegável influência aos pretensos revisteiros do Recife, nem sempre os espetáculos visitantes foram bem recebidos, principalmente pela crítica pernambucana. A Companhia de Revistas do Teatro Jardel, dirigida pelo empresário e dramaturgo Geysa Bôscoli, por exemplo, no ano de 1952, trouxe diversos espetáculos para o teatro da XVI Festa da Mocidade, com nomes como Joana D'Arc, Rose Rondeli, Diana Morel, Evilásio Marçal, Carlos Gil e as “Garotas de Copacabana”. Saudando a equipe, o jornalista Isaac Gondim Filho, no *Diario de Pernambuco*, pôde relembrar a ausência que vinha fazendo ali o gênero musicado:

Durante alguns anos, Recife andou esquecido como praça de espetáculos musicados, mas de um tempo para cá temos saído deste esquecimento. Raul Roulien aqui esteve numa breve temporada cheia de sucesso, inaugurando o palco do Palácio do Rádio Oscar Moreira Pinto. Depois, Dercy Gonçalves também veio até cá e, do Teatro Almare, então incorporado à Festa da Mocidade, ofereceu uma longa e concorrida temporada de revistas.
(GONDIM FILHO, 29 nov 1952, p. 6)

O mesmo cronista teatral, após elogios aos trabalhos iniciais apreciados, a exemplo da revista *Vai Levando*, do próprio Geysa Bôscoli, notou a decrescente qualidade do que vinha sendo apresentado, principalmente pelas mudanças de elenco e perfil cada vez mais imoral. Tanto que, numa outra edição do *Diario de Pernambuco*, deu o seu aviso:

Tivemos ocasião de assistir as revistas de bolso: “Vai levando”, “Você é que é feliz, primo!”, “A imprensa é livre”, “Banana não tem caroço” e “Olha a boa”, todas, de um modo geral, mais ou menos com os mesmos atrativos e os mesmos motivos de desagrado: bailados, números musicados, quadros cômicos, coristas bonitas e malícia, ingrediente que não pode faltar ao gênero. Aliás, a propaganda que antecedeu a estreia desta temporada de revistas advertia muito claramente o padrão limpo de moral, padrão este que não chegou a corresponder e que muitas vezes tem sido inteiramente desprezado. [...] Assim, o que temos podido observar é que de peça para peça o nível de agrado tem baixado sensivelmente, notando-se que falta o cuidado inicial. [...] Um pouco mais de carinho para com a nossa plateia, já hoje digna deste nome por saber distinguir o que é bom e o que é mau. (GONDIM FILHO, 25 dez 1952, p. 6)

Num perfil bem diferente das “revistas de bolso” que Geysa Bôscoli trouxe ao Recife, a Cia. de Revistas Walter Pinto, ao final de 1959, estreou com *Tem Bububú no Bobobó (a revista dos milhões)*, que já havia permanecido em cartaz por oito meses entre o Rio de Janeiro e São Paulo, dando visibilidade a artistas como Virgínia Lane, Walter D’Ávila e José Vasconcelos, além de 50 vedetes, incluindo garotas argentinas e francesas. Paulo Celestino era o ensaiador. Duas novidades podiam ser vistas no palco do Teatro de Emergência Almare: o uso de um órgão elétrico na orquestra e uma cascata de espuma em cena aberta. Como crítico nada afeito às revistas, Valdemar de Oliveira não se deixou impressionar pela grandiosidade do espetáculo, muito menos por sua nudez, e também escreveu uma crônica de advertência no *Jornal do Commercio*:

A fórmula de Walter Pinto é conhecida: luxo, espetaculosidade, nu; Arte, pouca; pornofonia, dose carregada. Com isso, logra manter o seu público fiel no [Teatro] Recreio por quatro meses durante o ano. Faz mais dois meses em São Paulo. Nos restantes, vai à Europa, vê o que há de mais novo nos palcos de revista, volta, engendra nova peça, contrata novos artistas, reforma o elenco e lança novo espetáculo. Da mistura, resulta sempre uma festa para os olhos, embora nem sempre uma festa para os ouvidos. Não dispendo ou não querendo dispor de um coreógrafo moderno e inspirado, nada inova em matéria de dança. Creio que ele parte do pressuposto de que mulher bonita

não precisa saber dançar [...]. Quanto às vozes, terciárias. “Tem bububú no bobobó” não foge à regra. (W., 30 dez 1959, p. 15)

Sem deixar de registrar que a montagem vinha simplificada, “como convém a uma excursão ao Norte – antes requestada, do que requintada” (nada muito diferente dos musicais que chegam hoje ao Recife, um tanto desfalcados de sua proposta original, principalmente no quesito cenografia, música e parte do elenco), Valdemar de Oliveira achou que, ainda assim, a revista agradava pelas luzes, cores, movimento, tudo o que há de espetacular, “menos nos quadros cômicos, de uma indigência de montagem que são um contraste chocante com o resto” (W., 30 dez 1959, p. 15). E, claro, os seios à mostra das vedetes, que garantiam a bilheteria! Mas o curioso é que, bem antes do perfil feérico de Walter Pinto chegar ao Recife, vários artistas pernambucanos já haviam tentado aproveitar aquela nova onda revisteira, com produções menos exuberantes, é verdade, mas todas com características próprias, especialmente nos temas e escolhas musicais.

Revistas “da terra”

Ao menos 26 espetáculos “de sabor local” foram contabilizados pela década de 1950 no Recife, nas mais diferentes propostas, primando pelos gracejos e trocadilhos de maior ou menor grau de moralidade e criticando, sempre, o que acontecia a sua volta. *Anastácio Cai no Frevo, Terreiro, Tem Nêgo Bêbo Aí e Um Americano no Recife* foram alguns dos títulos lançados pelo Grupo Teatral de Amadores, Teatro Gráfico de Amadores, Companhia de Revistas Musicadas e o Grupo Amador de Revistas, mas com repercussão mínima dos trabalhos. O falatório se dava quando o chiste de sabor apimentado reinava, especialidade, por exemplo, da Cia. de Revista em Boite, que surgiu em 1958 na Boite Flutuante, com espetáculos-shows como *S.O.S. Mulheres!* e *Marcianas! Qual é o Pó?*, dirigidos por Paulo Ribeiro, atuando também ao lado de Bustorffinho, Beltrão, “o cowboy romântico”; Dominó, Mota e elenco de garotas.

Mas o *frisson* a tomar conta do público adulto recifense aconteceu mesmo quando, ainda em 1952, no Teatro de Emergência Almare, o comediante-empresário

Barreto Júnior lançou sua Companhia de Revistas com ampla divulgação nos jornais. Os espetáculos permaneciam 15 dias em temporada, com até três sessões aos sábados. A estreia se deu com *Felipeta Está de Tanga*, revista do autor carioca Paulo Orlando, sob direção artística de Raul Debois (bailarino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro). A obra, imprópria até 18 anos e com ingressos custando de 25 a 10 cruzeiros, trazia charges políticas tão ao gosto do público e no elenco, além do próprio Barreto Júnior, Augusta Moreira, Lenita Lopes, Lourdes Bergmann, Lindberg Leite, Bustorffinho, Jonas Gondim, a dupla Sonja e Nilson e Raul Debois e suas “Golden Girls”. No *Diario de Pernambuco*, Isaac Gondim Filho fez restrições ao que viu:

Em verdade, “Felipeta está de tanga”, da autoria de Paulo Orlando, não passa de uma colcha de retalhos onde ao autor apontado cabe apenas o quadro de apresentação, feito em versos e especialmente para Barreto Júnior e sua companhia. O resto é como acontece na maioria das revistas encenadas pelas bandas do Sul: um ou outro quadro realizado com um pouquinho mais de inteligência, bailados nem sempre bem ensaiados, cortinas cômicas onde o principal ingrediente é a malícia (muitas vezes forte demais), mulheres que se exibem semivestidas ou semidespidas, e música! [...] É ainda ele [Barreto Júnior] a grande atração da revista que vem apresentando no Teatro Almare. Arranca as melhores gargalhadas e consegue ser à altura aquilo que se sente faltar ao seu espetáculo: uma vedeta. Continua sendo o grande cartaz popular de nossa cidade, pela espontaneidade de suas atuações e pelo modo próprio em fazer graça. (GONDIM FILHO, 21 out 1952, p. 6)

No mais, o cronista da cena teatral lembrou que *Felipeta Está de Tanga* era um espetáculo pobre de encenação, especialmente nos cenários e figurinos, mas que o resultado podia agradar a um público pouco exigente, sobretudo àqueles apreciadores de piadas fortes. No entanto, houve quem viesse à defesa de Barreto Júnior e sua revista. O cronista P. C. M., no *Diario de Pernambuco*, por exemplo, elogiou a iniciativa pela tentativa de se estabelecer no Recife “o gênero de espetáculo favorito da metrópole”, desmerecendo ainda intelectualismos que só afastavam o público comum:

O teatro de revista tem muitos adeptos porque satisfaz a sede do espectador, pelo sal das coisas e pela contrafação das coisas sérias em cômicas. Pequenas cortinas mesclam-se a números de coreografia, cuja importância sobe na proporção em que as bailarinas (também conhecidas por “girls”) mais se despem. O bom teatro destes dias se intelectualizou a tal ponto que é desprovido de qualquer faculdade recreativa e, a rigor, quem vai ao teatro hoje, o que procura é um derivativo para as preocupações cotidianas. Daí a preferência do teatro de revista sobre o teatro sério – o teatro considerado em sua função educativa. [...] O que se observa no Recife hoje são [...] enchentes no [Teatro] Almare, onde uma população ávida de deboche, envolvendo políticos e comerciantes, com mulheres nuas de permeio, dá-se à fagueira ilusão do regalo. Isso não recomenda a cultura do público. Mas é um sinal dos tempos. (P. C. M., 22 out 1952, p. 4)

Em seguida, foi a vez de Barreto Júnior lançar *Vovozinha, Cadê o Meu?*, de Renato Cardoso, mas logo cancelou a empreitada pela possibilidade de receber um processo do deputado Alcides Teixeira, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), apelidado de o “Deputado Vovozinha” e conhecido por quase não frequentar a Assembleia dos Deputados. A partir de então, o irreverente ator-empresário trouxe ao palco outra revista, *Balança Mas Não Cai*, de autoria não revelada, mas com a sua conhecida comicidade popular em destaque, além das garotas do balé de Raul Dubois. Depois, o cartaz foi *Revista das Revistas*, com ingressos mais baratos a 10 e 5 cruzeiros e uma divulgação precisa e direta: “Assista uma bela revista pagando apenas o preço de uma entrada de cinema”. Valia tudo para atrair o público assumidamente popular.

“O Buraco de Otília”, a revista pernambucana que deu certo

O maior sucesso do teatro revisteiro pernambucano foi fruto da Companhia Portátil de Revistas Valença Filho que, após longa excursão por “lugares inóspitos” do Brasil e até da Bolívia, voltou renovada para o Recife e lançou uma revista carnavalesca por excelência e de sabor exclusivamente local: *O Buraco de Otília*, criação de Valença Filho em parceria com Luiz Maranhão Filho, ambos pernambucanos. De acordo com

registro do cronista teatral Medeiros Cavalcanti para o *Jornal do Commercio* (31 jan 1958, p. 6), o título da obra, de provocação sexual bem sugestiva, foi “inspirado no famoso boteco regional do fim da rua da Aurora (Restaurante Capibaribe), à margem do rio, onde se diz poder encontrar-se os melhores pratos da terra condimentados a capricho”. O decoro, então, estava parcialmente assegurado.

Prometendo-se luxuosa e com a participação de 60 artistas arregimentados no próprio meio teatral recifense, a montagem ousou ficar em cartaz no período carnavalesco, com estreia no dia 31 de janeiro de 1958, no até então impensável Teatro de Santa Isabel, o mais cultuado espaço teatral do Recife. No elenco de atores, vedetes e coristas, nomes como Lúcio Mauro, este também à frente da direção geral do espetáculo e autor de um esquete dramático inserido entre os 14 quadros; Lindberg Leite, Lourdes Bergmann, José Bustorff, Mary Gil, Lolita Batista, Ângela Wanderley, Jaime Correia, Odilon Bueno, Laurimar Soares, Maves Gama, George Gomes, Índia Dalva, Rina Maris, Brivaldo Gouveia e as cantoras Maria José e Elvia Lane. Os Caboclinhos Tupinambás, o passista de frevo Egídio Bezerra e o pandeirista e sapateador Dominó faziam participações especiais. A orquestra, especialmente composta para tal, ficou sob a batuta do maestro Rocha Lima. E o resultado, para surpresa de muitos, conquistou não só o público, mas também parte da imprensa.

Declaradamente avesso ao teatro de revista, Valdemar de Oliveira rendeu-se, em parte, ao sucesso de *O Buraco de Otília*, reiteradamente chamada por ele de “revistinha” – diminutivo que já expressa um juízo de valor –, dando-lhe, ainda assim, duas crônicas em sequência (algo inédito na sua escrita para o gênero), sem deixar de salientar que o Teatro de Santa Isabel, assim como outras grandes casas de espetáculos Brasil afora, não era palco para revistas. Independente desta sua posição, o cronista não deixou de salientar que Valença Filho havia cumprido com o prometido, oferecendo “um espetáculo honesto, quase limpo, cena a cena demonstrando um esforço bem intencionado”, isto porque soube cercar-se de alguns bons elementos disponíveis no meio teatral profissional recifense, além de ter investido “boa soma na montagem e no desempenho” (W., 4 fev 1958, p. 6). Assim, Valdemar de Oliveira deixava claro que

para se fazer uma boa revista era preciso fugir do descuido de produção e de interpretação, do mau gosto e, especialmente, da apelação.

Dedicando uma segunda e última crônica de avaliação crítica a esta produção revisteira de Valença Filho, numa forma de lhe reconhecer algum mérito – é bom destacar –, o temido crítico do *Jornal do Commercio* não se furtou a lançar elogios para o que pôde perceber da dramaturgia à cena:

“O Buraco de Otília”, de Valença Filho e [Luiz] Maranhão Filho, não difere, quanto à construção, das revistinhas de hoje em dia. [...] Todavia, é patente a preocupação de limpeza no texto; de bom ritmo na sucessão dos quadros; de variedade nos cenários; e de propriedade no guarda-roupa. Os *sketchs* (sic) são, via de regra, engracados, mesmo quando velhos, de longas barbas brancas, como o do registro civil, ou quando erguidos sobre anedotas que por aí correm na boca do povo. [...] Não regateemos os elogios que merecem, por sua atuação, Lúcio Mauro, Lourdes Bergmann, Lindberg Leite e José Bustorff. Mas, a referência que mais se impõe é ao próprio Valença Filho, que nos aparece, por força de sua tarimba de alguns meses por esses mundos do Norte, um cômico de largas possibilidades no gênero revista. Aqui e ali entrega-se a certos excessos dispensáveis, mas, em geral, seus recursos cômicos se mostram muitos e bons. (W., 5 fev 1958, p. 6)

Medeiros Cavalcanti, em escrita também para o *Jornal do Commercio* (8 fev 1958, p. 6), chegou a ressaltar que a produção assinada por Valença Filho só pôde ser aceita no Teatro de Santa Isabel “porque infelizmente o Recife é a cidade de *um teatro*”, mas, desde o início, ele sabia que a turma estava arcando com uma enorme responsabilidade. No entanto, mais à frente, em nova crônica cheia de azedume para o mesmo jornal, admitiu o seu espanto sobre o resultado de público alcançado:

Espantou porque sendo modesta, com um guarda-roupa de espantoso mau gosto, onde a gente não sabe se são as cores ou as linhas que não combinam; sendo carnavalesca e, portanto, restrita a uma época que morre depressa, conseguia ser um espetáculo agradável, limpo, tão melhor que outras coisas vistas com artistas trazidos do Sul, vestindo roupas alugadas no “vuco-vuco”

das pedrarias falsas e das plumas coloridas. (CAVALCANTI, 1 mar 1958, p. 6)

Depois de assistir por três vezes a *O Buraco de Otília*, Medeiros Cavalcanti, nesta mesma resenha, fez questão de voltar aos “defeitos” e “virtudes” da proposta cênica e pernambucana carnavalizada, terminando por incentivar a equipe a seguir adiante com novas produções:

Defeitos graves, como aquele de pretender brincar com a gente de teatro num dos quadros – o que resulta monótono e incompreensível para a nossa plateia [...]. Mas estamos [...] testemunhando a fé de Valença Filho no seu trabalho, a seriedade com que esses artistas estão levando a sua companhia [...]. Continue, Valença Filho. Invista mais dinheiro em melhores guarda-roupas e cenários. Contrate mais garotas. Eduque o seu pessoal, discipline-o, exija o impossível, coordene forças, elimine a discórdia, crie dentro de sua companhia uma "família teatral", faça a sua orquestra, cerque-se aos poucos de técnicos. E sonhe, sonhe desabridamente, magnificamente com os grandes musicais que você montará daqui a dez ou vinte anos, não importa. (CAVALCANTI, 1 mar 1958, p. 6)

Popular e brincalhão assumido

Depois de atingir a 5^a semana de récitas e provavelmente por conta de compromissos anteriormente agendados no palco do Teatro de Santa Isabel, a revista *O Buraco de Otília* saiu de cartaz em plena consagração, mas o ator, revistógrafo e empresário Valença Filho prometeu não desistir da pauta que já conseguira no mesmo teatro, garantindo para isso contratar novos profissionais no Rio de Janeiro. Ao saber daquele desejo do empresário de montar uma nova revista, Valdemar de Oliveira defendeu logo no *Jornal do Commercio* (W., 7 mar 1958, p. 6) que o melhor seria ele ocupar outra casa de espetáculos “sem preocupações de prazo certo para encerramento de atividades”, no intuito de livrar o Teatro de Santa Isabel daquele gênero de teatro musicado nada aceitável por ali, de acordo com a sua visão.

A resistência do mais afamado crítico/cronista teatral do Recife à cena revisteira e a sua clara demarcação desta para longe do “familiar” Teatro de Santa Isabel, pode ser medida não só pelo tipo de produção que chegava ao Recife, mas também pelo que se podia ver na então capital da República. Como prova da questão, vale destacar a impressão dada àquele cenário atual por vários pesquisadores do teatro de revista, todos unâimes em apontar as perspectivas pouco animadoras daí em diante. É o caso, por exemplo, de Delson Antunes no livro *Fora do Sério – Um panorama do teatro de revista no Brasil*:

Dante do baixo nível literário dos textos, da ausência de novas ideias e de uma renovação dos seus criadores, muitas produções apelavam para o erotismo, para a vulgaridade ou para números de *strip-tease* grosseiros. Os espetáculos transformaram-se em uma mera reciclagem de esquetes remendados, repetindo anedotas, quadros e músicas que funcionavam na revista do passado. O resultado: encenações redundantes, previsíveis, aprisionadas nos mesmos efeitos e executadas com os mesmos recursos. Raramente uma revista conseguia surpreender com grandes novidades. Os êxitos passaram a ser exceção. (ANTUNES, 2004, p. 128-129)

Por sua vez, Neyde Veneziano, em capítulo intitulado “A decadência” para o livro *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e convenções*, fez um parecer nada promissor ao lembrar que, diretamente ligada à atualidade, a revista sofreria, inevitavelmente, as transformações históricas do momento, a ponto de ser contaminada por valores de comportamento que “abriram cada vez mais espaço para a pornografia explícita” (VENEZIANO, 1991, p. 52). Podemos concluir que *O Buraco de Otília*, independente do avançar em alguns detalhes para além do permitível (a exemplo do título e de excessos de improviso dos comediantes), foi uma exceção ainda ingênua. Tanto que as realizações de Valença Filho a partir de então não tiveram a mesma receptividade de público e crítica por terem-se rendido às imoralidades, algo bem mais presente na cena carioca, vide as avaliações anteriormente pesquisadas. “A sutileza, a malícia e o duplo sentido eram, gradativamente, substituídos pela licenciosidade verbal”, conclui Delson Antunes (2004, p. 133). Não foi diferente no Recife.

Quase sem pudor

Após o sucesso de sua vitoriosa revista carnavalesca de sabor local e ainda no palco do Teatro de Santa Isabel, *A Fofoca do Brasilino*, de Luiz Maranhão Filho, com estreia a 11 de março de 1958, foi a nova aposta de Valença Filho, produção revisteira em 18 quadros. No elenco, um corpo de 14 coristas e quatro "boys" sob direção coreográfica de Paulo Ribeiro e elenco dirigido por Valença Filho. A orquestra, a mesma da revista anterior, continuou sob a regência do maestro Rocha Lima, com arranjos musicais do maestro Duda. Segundo o *Jornal do Commercio* (13 mar 1958, p. 6), Medeiros Cavalcanti, ainda que tivesse achado a nova obra "uma realização pernambucana que deixa longe, definitivamente, tudo o que nos tem sido mostrado nestes últimos anos por companhias profissionais do Rio" e dado parabéns aos artistas envolvidos, não esqueceu de notar uma tendência que crescia, o apimentar das cenas. A começar da presença de "certos biquínis desnecessariamente escandalosos", como lembrou em nova edição do *Jornal do Commercio* (CAVALCANTI, 14 mar 1958, p. 6).

Mesmo contrário àquela presença no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira também escreveu sobre *A Fofoca do Brasilino* no *Jornal do Commercio*, para ele uma "revista igual às outras na fatura: uma sucessão de quadros, ora cantados, ora declamados, ora dançados, sem fio de ligação entre si". No entanto, ainda que o resultado não mostrasse originalidade alguma, o esforço de melhoria era evidente e bem sucedido: "[...] está bem feita, admitidas as naturais restrições ao gênero" (W., 13 mar 1958, p. 6). Mas claro que reclamou da "indecência" de parte dos figurinos, ou melhor, da ausência deles: "Admira-se um guarda-roupa variado e bonito, embora certo número de biquínis resulte nojento, pela escassez de pano e abuso de remelexo. Deve ser remodelado ou jogado fora" (W., 13 mar 1958, p. 6), sugeriu.

Esta temporada de *A Fofoca do Brasilino* até que foi vitoriosa de público (não tanto quanto *O Buraco de Otília*), mas acabou sendo transferida para o Teatro Marrosos, espaço popular dirigido por Barreto Júnior, de 22 de março até 6 de abril de 1958, encerrando com sessão tripla às 16, 19 e 21 horas, mesmo diante da ausência cada

vez maior de espectadores. Medeiros Cavalcanti foi conferir o porquê e relatou sua impressão no *Jornal do Commercio*:

E o que vimos foi toda a Cia. Valença metendo os pés pelas mãos e destruindo, alegremente, todo o trabalho anterior conquistado com as noites no Santa Isabel com "O Buraco de Otília". O que sucedeu? Simplesmente isto: "A Fofoca do Brasilino" abastardou-se. Está grosseira, antifamiliar. É preciso retroceder o quanto antes, voltar ao clima anterior. Não temos público para isto. Se alguns riem, são uns debochados [...] elementos espúrios no teatro. São figuras de passagem. Vão lá uma noite e não voltam. E também desservem à propaganda. (CAVALCANTI, 20 abr 1958, p. 22)

Concluindo sua estada no Teatro Marrocos e após viagem ao Rio de Janeiro a fim de fechar turnê para sua companhia recifense de revistas, Valença Filho trouxe um guarda-roupa renovado e prometeu estrear *Ou Vai... Ou Racha!*, original de Mayerber de Carvalho, no intuito de também chegar à terra carioca futuramente (algo que nem aconteceu). Medeiros Cavalcanti, no *Jornal do Commercio*, contestou ironicamente os comentários maldosos que davam conta de que a equipe recifense não estava preparada para enfrentar a “Metrópole” carioca, terra daquele gênero por excelência:

Mesmo que a Companhia do Valença fosse tão ruim quanto as que por aqui têm aparecido, as dos Geysas [Bôscoli], dos [Walter] D'Ávila, dos Colé [Santana], com pessoal arrebanhado às pressas no desvão da praça Tiradentes, com guarda-roupa alugado, com esquetes velhíssimos, com piadas "cariocas", com garotas desajeitadas (exceto para cavar a vida com os coronéis locais) e, às vezes, até desoladoramente feias [...], eu lhe diria: – Vá, homem de Deus! Vá dar ao Rio o troco das temporadas infames que ele nos tem mandado a título de teatro de revista, com pornografia e tudo!... (CAVALCANTI, 12 abr 1958, p. 6)

A 27 de abril de 1958 a revista *Ou Vai... Ou Racha!* estreou no mesmo Teatro Marrocos como nova investida da Companhia [não mais Portátil] de Revistas Valença Filho, luxuosamente vestida, vale salientar. No elenco, destaque para a inserção dos

atores Paulo Ribeiro e Liege Rocha. Mas o resultado não agradou a Medeiros Cavalcanti que, usando da graça para desbancar a revista no *Jornal do Commercio*, pontuou que o trabalho carecia de um texto “de imaginação e humor sadio”, pois o que se via era a tentativa de fazer humor “apelando para a piada indecente, o trocadilho grosseiro, a expressão crua, fingindo um ‘double sens’ [duplo sentido] impossível”:

Estamos, sem dúvida, diante de um grande esforço da Cia. de Revistas Valença Filho, essa mesma na qual confiamos que poderá levar ao Rio, em setembro, um repertório de Pernambuco digno da Metrópole. Mas o que se faz agora é desmanchar a magnífica impressão de "O Buraco de Otília" e mesmo de "A Fofoca do Brasilino", revistas sem a riqueza da montagem desta atual, mas infinitamente superiores [...]. "Ou Vai... Ou Racha!" não tem um esqueite que preste. (CAVALCANTI, 29 abr 1958, p. 6)

O retorno desastroso de crítica e público fez Valença Filho retomar sua produção de comédias, mas antes de nova estreia ele preferiu voltar à cena a revista *O Buraco de Otília*, “o espetáculo mais alegre do ano”, em duas únicas apresentações dias 14 e 15 de junho de 1958, ainda no Teatro Marrocos, em sessões às 19h30 e 21h15, para maiores de 14 anos, no projeto “Teatro Para o Povo”, ao preço único de 20 cruzeiros, graças ao patrocínio do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife. Para setembro daquele ano, prometeu lançar *Tá Sobrando Mulher*, revista que reeditava a parceria dramatúrgica entre ele e Luiz Maranhão Filho, mas o projeto acabou abortado.

A partir daí Valença Filho passou a dedicar-se somente ao gênero cômico, mas é importante registrar que ainda em março de 1959, já atuando no Rio de Janeiro, ele participou do espetáculo *Tem Mulher, Tô Lá*, com a empresa Ferreira da Silva, sem destaque algum. E não se soube mais dele nos palcos revisteiros. O interessante é que, se fôssemos levar em consideração apenas a opinião de alguns críticos, talvez a sua trajetória não fosse nunca lembrada e *O Buraco de Otília*, um verdadeiro sucesso teatral revisteiro do Recife, estaria esquecido para sempre. Por isso a pesquisadora Neyde Veneziano faz a defesa de mais pesquisas na área:

O teatro de revista, que nunca foi levado a sério pela elite intelectual brasileira, refletiu mudanças sociais e políticas da nossa sociedade ao alimentar-se de fatos do presente. Popularmente, foi atuante e prestigiado pelo público. Em termos de produção teatral, foi o mais expressivo gênero nas primeiras décadas de nosso ruidoso século XX. E números não podem ser desprezados uma vez que, agora, tudo é mensurado. Estudar somente textos assinados por grandes autores da literatura e negar esta corrente endereçada à plateia pequeno-burguesa das sociedades pré-industriais caracterizou o rígido preconceito que, durante anos, impediu a observação e o desenho do real quadro teatral nacional. Ao teatro de revista brasileiro não estava reservado somente o mundo engraçado e colorido. Ele representou uma época. Um espírito. (VENEZIANO, 2006, p. 261)

É na esteira de tal pensamento que este artigo tenta contribuir, ainda que minimamente, com a história do teatro de revista no Brasil. E, mais, dando ênfase a um período e uma terra ainda pouco analisados quando se trata de produções no segmento desse teatro que era espelho do cotidiano e cujo palco também foi o Recife. Isto no que há de mais popular, musicado, crítico e ligeiro.

Referências:

- ANTUNES, Delson. **Fora do Sério** – Um panorama do teatro de revista no Brasil. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.
- CAVALCANTI, Medeiros. “A estreia de hoje”. **Jornal do Commercio**. Recife, 31 jan 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- _____. **Jornal do Commercio**. Recife, 8 fev 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- _____. “Cia. Permanente de Revistas”. **Jornal do Commercio**. Recife, 1 mar 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- _____. “A Fofoca do Brasilino – I”. **Jornal do Commercio**. Recife, 13 mar 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- _____. “A Fofoca do Brasilino – II”. **Jornal do Commercio**. Recife, 14 mar 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

- _____. “A volta do Valença”. **Jornal do Commercio**. Recife, 12 abr 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- _____. “Roteiro coreográfico de Paulo Bezerra”. **Jornal do Commercio**. Recife, 20 abr 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 22.
- _____. “Ou Vai... Ou Racha!”. **Jornal do Commercio**. Recife, 29 abr 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- GONDIM FILHO, Isaac. Revistas. **Diario de Pernambuco**. Recife, 29 nov 1952. Teatro. p. 6.
- _____. Temporada de Revistas. **Diario de Pernambuco**. Recife, 25 dez 1952. Teatro. p. 6.
- _____. “Felipeta está de Tanga”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 21 out 1952. Teatro. p. 6.
- GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de (orgs.). **Dicionário do Teatro Brasileiro** – temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva: SESC São Paulo, 2006.
- PAIVA, Salviano Cavalcanti de. **Viva o Rebolado!**: vida e morte do teatro de revista brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- P. C. M. O teatro de revista. **Diario de Pernambuco**. Recife, 22 out 1952. Coisas da Cidade. p. 4.
- VENEZIANO, Neyde. **O Teatro de Revista no Brasil**: Dramaturgia e convenções. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- _____. Teatro de revista no compasso da história: conexões imediatas e atuais. In: AQUINO, Ricardo Bigi de; MALUF, Sheila Diab. **Dramaturgia em Cena**. Maceió: EDUFAL, 2006.
- W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 4 fev 1958. Teatro. p. 6.
- _____. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 5 fev 1958. Teatro. p. 6.
- _____. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 7 mar 1958. Teatro. p. 6.
- _____. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 13 mar 1958. Teatro. p. 6.
- _____. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 30 dez 1959. Teatro. p. 15.